

UM ESTUDO TRIGERACIONAL SOBRE A EXPERIÊNCIA DE FAMÍLIAS AO CRIAREM SEUS FILHOS¹

A THREE-GENERATION STUDY ABOUT THE EXPERIENCE OF FAMILIES WHEN RAISING THEIR CHILDREN

Sonia Silva Marcon*
Ingrid Elsen#

RESUMO

Resumo: Investigação de natureza qualitativa desenvolvida na cidade de Maringá-PR, com o objetivo de conhecer as representações de famílias de três gerações sobre a criação dos filhos. O estudo foi realizado junto a famílias - representadas na maioria das vezes por suas mulheres - que tinham em comum o fato de ter tido ou ter um filho, neto ou bisneto que tivesse freqüentado ou estivesse freqüentando uma creche. Os dados foram coletados no período de janeiro de 1996 a outubro de 1997 através de entrevista aberta. Os resultados demonstram a influência do contexto sociocultural e, por conseguinte, a grande mudança ocorrida na forma de as famílias criarem seus filhos ao longo de apenas três gerações.

Palavras-chave: Família. Criação dos filhos. Geração.

DELINEANDO O ESTUDO

Este estudo procurou identificar como mulheres residentes em Maringá - PR e pertencentes a três gerações significam sua experiência de criar os filhos. Entendo que as gerações constituem o espaço onde crenças, valores e práticas são transmitidos, reforçados, mantidos e/ou transformados e que as relações entre as gerações são bidirecionais, além de se caracterizarem pelo estabelecimento de interações, que se manifestam pela troca de experiências entre os indivíduos: enquanto as gerações mais velhas se encarregam de socializar e de cuidar das mais novas, influenciando o estabelecimento das suas práticas de criar, estas se encarregam de cuidar das mais velhas no final da vida, transmitindo-lhes também suas novas experiências.

As mudanças observadas nestas práticas fazem parte e ao mesmo tempo são resultantes de um processo muito maior de mudanças, inclusive na própria configuração da sociedade. De qualquer forma, a família tem sido, em diferentes épocas, uma unidade que cuida de seus membros e, apesar das mudanças ocorridas em sua estrutura e organização, continua considerada como o principal agente socializador da criança e responsável pelo atendimento de todas as suas necessidades básicas, bem como pela formação dos referenciais de vida que lhe possibilitarão enfrentar um mundo em permanente mudança. No caso do Brasil, o reconhecimento da família como *locus* privilegiado para o adequado desenvolvimento humano está consagrado na Constituição e no Estatuto da Criança e do Adolescente.

¹ Artigo extraído da Tese de Doutorado "Criando os filhos: experiências de famílias de três gerações" apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina em 11 de maio de 1998.

* Doutora em Filosofia da Enfermagem. Professora da Universidade Estadual de Maringá desde 08 de março de 1983. Disciplina de Enfermagem em Saúde Pública. Coordenadora do NEPAAF – Núcleo de estudos, pesquisa, assistência e apoio à família.

Orientadora do estudo. Doutora em Ciências da Enfermagem. Professora do programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFSC.

A despeito de todas as transformações ocorridas no papel da mulher e da própria família através das gerações, suscitando o surgimento de novas práticas relacionadas à criação dos filhos no interior da família, os estudos têm apontado que a mulher continua sendo, na família, a principal responsável pela criação dos filhos.

Neste contexto, as inquietações e dúvidas sobre meu próprio desempenho em relação à criação/educação de meus filhos constituíram a motivação inicial para a realização do estudo. Isto porque, em meu entendimento, apesar de todas as singularidades relacionadas à forma de criar e cuidar dos filhos, ao vivenciar esta experiência, as pessoas experimentam aspectos comuns, e a descoberta destas similaridades poderá ser motivo de tranquilização para as mulheres que "sofrem" com o medo de não estar sabendo criar adequadamente seus filhos. Por outro lado, os aspectos diferentes poderão ser partilhados e, se desejado, adotados e adaptados às diferentes situações vivenciadas pelas mulheres em seu processo de vida, de forma a melhor proporcionar o bem-viver e o viver saudável para a família como um todo.

Por outro lado, os profissionais de saúde, em especial os de enfermagem, estão enfrentando um processo de transição e de busca de identidade e, por conseguinte, de conhecimentos que lhes possibilitem embasar sua prática profissional, visto que o próprio assistir à família é algo novo para a enfermagem.

Foi, portanto, a possibilidade de identificar novos papéis, novas formas de atuação para os profissionais e em especial para nós enfermeiros, já que definitivamente estamos descontentes com a forma como temos conduzido nossa prática assistencial, que motivou o desenvolvimento do estudo, com o propósito de identificar e entender quais aspectos da criação dos filhos são representativos da atual geração de mães; o que tem sido transmitido e, principalmente, deixou de ser transmitido de uma geração à seguinte (com relação à criação dos filhos), a fim de poder refletir sobre as possíveis implicações que esta transmissão e não-transmissão podem ter na saúde (atual e futura) de nossos filhos e na de nossa família.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi realizado na cidade de Maringá, Paraná, junto a famílias pertencentes a três gerações, residentes na cidade de Maringá – PR, que tinham em comum o fato de terem tido ou terem ainda um filho, neto ou bisneto que tivesse freqüentado ou estivesse freqüentando uma creche.

Para selecionar os informantes do estudo adotei um conceito de geração que associa o critério de lugar de descendência ao coorte Uphold e Harper, 1987); assim considere de um lado a posição e os papéis de pais, avós e bisavós em relação à criança que freqüentou(a) a creche, e por outro considere a época em que as mães começaram a criar seus filhos (décadas de 40 e 50, 60 e 70 e 80 e 90 respectivamente para bisavós, avós e mães), de forma que uma das informantes, apesar de ainda não ser avó, foi incluída na primeira geração, pois teve seu filho em 1947, o que me levou a entender que sua experiência possuía maiores peculiaridades com esta do que com a 2ª geração.

Foram informantes do estudo seis famílias da primeira geração (bisavós), seis da segunda (avós) e quatorze da terceira geração (pais). Duas questões foram consideradas: 1) As famílias foram representadas por uma única pessoa, pois concordamos com Queiroz e Jannotti (1992) quando afirmam que os vínculos criados são tão sólidos que transformam em reminiscências pessoais as lembranças de outros, fazendo da voz de um a fala de muitos. 2) As famílias foram representadas por suas mulheres, pois se trata de um estudo sobre as relações sociais que envolvem o mundo privado (a família) e que se dão em um espaço também quase sempre privado (dentro do espaço da casa) e na rememoração, segundo Perrot (1989), as mulheres são os “porta-vozes da vida privada”.

Os dados foram coletados no período de janeiro de 1996 a outubro de 1997, utilizando-se como estratégia a entrevista aberta, embora a observação e fotografias, em menor escala, também tenham sido utilizadas.

Na construção e compreensão da ressignificação das famílias sobre a criação dos filhos utilizei o referencial de representação (do imaginário) conforme concebido pela história cultural. Assim, na análise dos dados procurei abordar aspectos convergentes e divergentes das

experiências relatadas por cada um dos informantes, de modo a identificar a ocorrência de fatos dentro da mesma geração e entre as gerações, o que possibilitou identificar aqueles que eram comuns a todas as gerações ou pertenciam a apenas uma.

A EXPERIÊNCIA DE CRIAR OS FILHOS

Os resultados revelaram a diversidade das experiências vividas e as visões contrastantes dentro de uma mesma geração, o que aponta a complexidade do fenômeno em estudo. Demonstraram ainda que nas representações das famílias a criação de um filho se dá inserida em um contexto e influenciada por este, e que esta experiência é única para cada família, e nas duas últimas gerações, principalmente na última, também para cada filho. A criação é permeada pelos valores e crenças da família e também por suas concepções sobre criança, bem como sobre o papel da mulher e do homem na família.

Na primeira geração, nas décadas de 40 e 50 as principais crenças que permearam a criação dos filhos era a de que estes deveriam ser ensinados precocemente, tanto a se comportar como a trabalhar; que deveriam ser criados junto da mãe; que havia necessidade de colocar limites na criação; que a religião era um recurso importante da criação; que os filhos tinham que ter um comportamento exemplar (obedientes, respeitadores, educados e que não roubassem) e que necessitavam de estudar. Na segunda geração, nas décadas de 60 e 70, os valores e crenças predominantes eram de que a religião deveria permear a criação, que os filhos necessitavam de convivência social, de saber se comportar moral e socialmente, precisavam estudar para ter uma profissão e respeitar os mais velhos. Na terceira geração, décadas de 80 e 90, acredita-se que o filho mais novo é mais esperto, que é função da família respeitar a individualidade da criança, valorizando-a como ser único no mundo, reconhecendo diferenças em sua personalidade e atendendo a necessidades individuais; que a criança precisa ter autonomia, embora em decorrência de sua fragilidade, tenha dificuldade em ser e estar no mundo, necessitando por isto de ser cuidada o tempo todo; e, finalmente, que a criança é um

ser sociável que necessita conviver e brincar com outras crianças fora do ambiente doméstico.

Outro aspecto bastante enfatizado diz respeito à participação do pai na criação dos filhos, pois enquanto na primeira geração, além de ser muito enérgico, ele não se envolvia nos cuidados e nem demonstrava afeto, ficando a mãe como responsável direta pela educação dos filhos, porém quase sempre seguindo as normas estabelecidas pelo pai e sem liberdade para discordar de suas atitudes. Na segunda geração, embora o pai ainda mantivesse um relacionamento distanciado com seus filhos, ele começa a apresentar comportamentos diferenciados, marcados pelo levar a passear e o brincar junto. Na terceira geração a relação entre pais e filhos é marcada prioritariamente pela demonstração dos sentimentos de afeto, através da manifestação verbal e não verbal (palavras e comportamentos), pela presença do diálogo e pela disposição em se apresentarem com maior disponibilidade para os filhos.

No que se refere aos valores que permeavam a criação, constata-se serem eles, na primeira geração o estudo e a boa educação da criança (feita pela mãe e desde pequena); na segunda o estudo é inclusive exacerbado, o comportamento se volta para o social mais amplo, ou seja, aquele que a criança deveria ter em sociedade, e passa a existir uma valorização da pessoa da criança (influenciando o relacionamento entre pais e filhos). Atualmente, a valorização da criança e seu aporte psicológico determinam todo o enfoque da criação, a qual é marcada pela demonstração de afeto no relacionamento entre pais e filhos e pela preocupação com o desenvolvimento (psicológico, motor e social) da criança.

As concepções de criança variaram muito, mas se mantiveram em torno de dois núcleos básicos: o comportamento e as atividades. Assim, inicialmente a criança era concebida como obediente e educada e tinha seu dia preenchido com atividades escolares e de ajuda (considerada obrigação) nos afazeres domésticos e na lavoura. Na segunda geração ela continua sendo percebida como obediente e educada e seu dia passa a ser preenchido prioritariamente com atividades escolares e brincadeiras (realizadas fora de casa), pois o trabalho passa a ter um caráter só de ajuda; atualmente a criança é representada como desobediente e sem educação para com todos e tem

seu dia preenchido por atividades escolares e de lazer, passando a maior parte de seu tempo livre dentro de casa e o trabalho praticamente não faz parte da rotina das crianças desta geração.

As atividades que envolvem o criar, por sua vez, são determinadas pelas concepções e valores da família. Assim sendo, na primeira geração, disciplinar, educar e colocar para trabalhar constituíam a tônica; na segunda geração estas atividades continuam presentes, porém de forma menos enfática, e por outro lado, passam a fazer parte do criar a demonstração de afeto, conversar e favorecer a socialização. Finalmente, hoje em dia, estas são muito mais numerosas e guardam entre si a característica de serem realizadas quase sempre com o intuito de favorecer o desenvolvimento da criança, protegê-la ou respeitá-la em sua individualidade.

As mudanças ocorridas na alimentação das crianças é outro aspecto que sobressai; ou seja, na primeira geração os filhos eram amamentados por grandes períodos, ou pelo menos até uma nova gravidez, e após o desmame passavam a se alimentar do mesmo cardápio dos adultos, apenas com alguns cuidados especiais em seu preparo, de forma que a alimentação da criança dificilmente constituía preocupação para os pais, especialmente porque as crianças se alimentavam bem, comiam de tudo e cedo já começavam a se auto-alimentar. Na segunda geração, já começa a existir uma preocupação com os tipos de alimentos a serem oferecidos às crianças, e na terceira, a questão alimentar ocupa posição de destaque na criação: de um lado os pais se esforçam para que os filhos tenha acesso à maior variedade possível de alimentos considerados “bons”, e ao mesmo tempo se queixam de que eles utilizam alimentos que consideram inconvenientes para o bom desenvolvimento e/ou saúde – representados pelas “bobageiras” – em grande quantidade. As preferências alimentares dos filhos são conhecidas e valorizadas e de forma geral, as crianças, especialmente quando pequenas, na concepção dos

pais, não se alimentam bem, seja em termos de quantidade seja de variedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo indicam que, em função de crenças e valores, apesar de toda a tecnologia disponível, a criação dos filhos hoje se mostra como uma tarefa bem mais árdua, já que parece exigir maior compromisso e responsabilidade por parte dos pais.

Além disso, os pais de hoje se mostram mais inseguros quanto à própria capacidade de educar os filhos. Ou seja, enquanto os pais das duas últimas gerações olham para trás e percebem que fizeram o melhor por seus filhos e, inclusive não colocam em dúvida a validade das técnicas que utilizaram para educá-los, mesmo quando elas incluem o uso freqüente do bater e do proibir – referidos por eles como colocar limites –, os pais de hoje experimentam, com relativa freqüência, a sensação de não estarem sabendo educar “bem” seus filhos. Além disso vivenciam um conflito, marcado tanto pela negação da forma como eles próprios foram criados, especialmente no que se refere à relação entre pais e filhos, rememorada pelo distanciamento, autoritarismo e rigor disciplinar; quanto pelo desejo de obter os mesmos resultados que seus pais, os quais no fundo são valorizados: adultos responsáveis e bem sucedidos.

A compreensão do que foi e é criar um filho hoje aponta, de certo modo, de que forma os profissionais de saúde, em especial os de enfermagem, podem e devem atuar junto às famílias. É preciso estar presente e junto com a família descobrir meios que possam fortificá-la, mobilizá-la, impulsioná-la no alcance de seu próprio equilíbrio e bem-estar. Junto com a família descobrir estratégias que facilitem o desenvolvimento de sua tarefa de socializar e adaptar a criança a uma convivência saudável física e mentalmente na sociedade.

A THREE-GENERATION STUDY ABOUT THE EXPERIENCE OF FAMILIES WHEN RAISING THEIR CHILDREN

ABSTRACT

An investigation with qualitative nature done in the city of Maringá-PR, with the objective of knowing the representations of three-generation families about the raising of their children. The study was realized with families – most times represented by their women – that had in common the fact of had have or having a son/ daughter, grandson/granddaughter, great-greatson/ great-granddaughter that had gone or is going to

kindergardens. The data were collected during the period of January 1996 to October 1997 through open interview. The results showed an influence on the social-cultural context and, because of that, a great change occurred in the way the families raise their children throughout three generations.

Key words: Family. Raising of their children. Generation.

REFERÊNCIAS

MARCON, S. S. **Criar os filhos**: experiências de famílias de três gerações. 1998. 304 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

PERROT, M. Práticas da memória feminina. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.9, n.18, p. 9-18, 1989.

QUEIRÓS, S. R. R.; JANNOTTI, M. L. M. Memória da escravidão em famílias negras de São Paulo. VI Encontro

de Estudos Populacionais (ABEP), Olinda, **ANAIS...**, p.115-30. 1992.

UPHOLD, C. R.; HARPER, D. C. Methodological issues in intergenerational family nursing research. **Advances in Nursing Science**, Gaithersburg, v. 8, no. 3, p. 38 - 49, 1986.

Endereço para correspondência: Rua Jailton Saraiva, 526. Jardim América. Maringá-PR. CEP: 87045-300. E-mail: ssmarcon@uem.br.